

Populismo e nacional-popular¹

Salvatore Cingari

Professor de Ciências Humanas e Sociais
Università per Stranieri di Perugia (Itália)

¹ Tradução de Rocco Lacorte. Revisão técnica de Alvaro Bianchi.

Populismo e nacional-popular

Resumo: O artigo visa investigar qual foi a utilização efetiva do termo “populismo” por Antônio Gramsci, como forma de contribuir com o debate contemporâneo sobretudo a partir da reativação da discussão por Ernesto Laclau. O autor se distancia da primeira interpretação de Asor Rosa sobre o tema, para demonstrar que o uso do termo por Gramsci é bastante mais complexo: afirma que nos *Quaderni*, Gramsci direciona a atenção para a sensibilidade populista também em áreas diferentes daquelas dos movimentos políticos de esquerda, e isso, às vezes, sem tomar uma atitude de denúncia, mas, em geral, para extrair o núcleo que deve ser desenvolvido em uma política genuinamente “popular”. Neste sentido, a lição autêntica dos textos gramscianos parece ajudar a imunizar contra o uso contemporâneo do termo “populismo”, entendido como estigma imprimido às posições críticas das desigualdades e, por outro, à própria tendência, por parte dos ambientes socioculturais progressistas ou *liberal*, de liquidar como fenômenos meramente “patológicos” o consenso popular dado às *leadership* populistas, inclusive às de tipo reacionário.

Palavras-chave: 1. Gramsci; 2. Populismo; 3. Nacional-Popular

Abstract: The article aims to investigate what was the effective use of the term "populism" by Antonio Gramsci, as a way to contribute to the contemporary debate, mainly because of the reactivation of the discussion by Ernesto Laclau. The author distances himself from Asor Rosa's first interpretation of the subject, to show that Gramsci's use of the term is much more complex: he states that in the *Quaderni* Gramsci directs attention to populist sensibility also in areas other than those of leftists political movements, sometimes without taking a denouncing attitude, but in general to extract the core that should be developed into a genuinely “popular” politic. In this sense, the authentic lesson of the Gramscian texts seems to help to immunize against the contemporary use of the term “populism”, understood as a stigma imprinted on the critical positions of inequalities and, on the other hand, on the tendency of progressive or liberal sociocultural environments. to settle as merely “pathological” phenomena the popular consensus given to populist leaderships, including reactionary ones.

Keywords: 1. Gramsci; 2. Populism; 3. National-Popular

O tema do populismo é de grande atualidade.² Investigar qual era a utilização efetiva do termo por parte de Antonio Gramsci é útil para o debate teórico-político contemporâneo, se pensamos na reativação deste tema por Ernesto Laclau no campo do radicalismo de esquerda. É significativo observar que a atenção de Laclau para Gramsci deriva do motivo oposto àquele que orientou, mais de cinquenta anos atrás, o rechaço pelo jovem Asor Rosa em *Scrittori e popolo* (1965). Neste livro, era denunciada a visão não rigidamente economicista do conceito de “classe”, que em Gramsci levava a sua dessubstancialização e, portanto, a uma valorização da ideia de “povo” (este também não entificado), não estritamente ligada a sua conotação operária. A hegemonia como transcendência da dimensão corporativa, fora de uma perspectiva essencialista-classista é, ao contrário, precisamente o que interessa a Laclau (2008 [2005]). Aqui não é o lugar para discutir sobre o uso das categorias gramscianas pelo filósofo argentino.³ Nos limitamos a mostrar que, se para o Laclau de *A razão populista*⁴ o termo “populismo” se sobrepõe à própria ideia do “político”, por sua vez entendido como lugar no qual se constrói um “povo” contra um inimigo “interno”, por meio da ativação de um conflito que se

² A respeito do debate atual sobre o tema do populismo, ver, por exemplo, as referências em Palano (2016).

³ Limito-me apenas a recordar o que destacou Geminello Preterossi a propósito do fato de que no conceito de hegemonia de Gramsci houvesse muita mais “substância”, em termos (não essencialistas) econômico-sociais e culturais do que há na acepção mais linguístico-libidinal de Laclau. “E, de fato” – concluía Preterossi – “a hegemonia gramsciana não é ‘populista’” (PRETEROSSO, 2015, p. 136-137).

⁴ Em *Egemonia e estratégia socialista* falava-se diversamente de “democracia radical” e de política “popular” (cf. LACLAU; MOUFFE, 2011 [1985], p. ex, p. p. 66-67, 87, 119-120, 127, 133, 210-213, 217). Os dois autores, por outro lado, nesta obra distinguem o “populismo de direita” da “democracia radical” e esposavam as teses de Stuart Hall sobre o populismo “thatcherista”, que funde os valores tradicionais com os empresariais em uma nova hegemonia liberal-conservadora (p. 252 e 254-255). Sobre esta última utilização das categorias gramscianas, ver Boothman (2015) e Hall (2015).

subtrai às formas diferenciadas da gestão institucional do poder; em Gramsci, ao contrário, “populismo” significa algo totalmente diferente, a saber, a palavra possui uma conotação, como se dirá mais adiante, interna àquela de tipo marxista-leninista (que depois, no segundo pós-guerra, será absorvida também pelo léxico liberal-democrata): uma ideologia política que exalta as capacidades do “povo”, sem, todavia, dar a ele instrumentos para sua real emancipação. O exemplo histórico do qual se origina a palavra são os populistas russos. Contudo, o que é interessante é que o Gramsci dos *Quaderni del Carcere*⁵ utiliza esse termo também numa acepção mais afim àquela que ocorre no uso contemporâneo: isto é, para se referir a emergências de tipo burguês e até conservador relacionadas ao “povo”.

Com efeito, se Gramsci, nos escritos pré-carcerários,⁶ parece utilizar esse termo em linha com a semântica bolchevique e leniniana,⁷ pelo contrário, nos *Quaderni* direciona a atenção para a sensibilidade populista também em áreas diferentes daquelas dos movimentos políticos de esquerda, e isso, às vezes, sem tomar uma atitude de denúncia, mas, em geral, para extrair o núcleo que deve ser desenvolvido em uma política genuinamente “popular”. Neste sentido, a lição autêntica dos textos gramscianos parece ajudar a imunizar contra o uso contemporâneo do termo “populismo”, entendido como estigma imprimido às posições críticas das desigualdades e, por outro, à própria tendência, por parte dos ambientes socioculturais progressistas ou *liberal*, de liquidar como fenômenos meramente “patológicos” o consenso popular dado às *leadership* populistas, inclusive às de tipo reacionário.

⁵ As referências a esse texto de Gramsci seguirão o padrão internacionalmente estabelecido, com o número do caderno (Q), número do parágrafo (§), seguidos da página de referência na edição italiana organizada por Valentino Gerratana (GRAMSCI, 1975). (N. d. T.).

⁶ São poucas as ocorrências do termo nos escritos pré-carcerários de Gramsci. Ver: “Fuori del dilemma”, *Avanti!*, 29 nov. 1919; “Operai e contadini”, *Avanti!*, 20 fev. 1920; “Nel paese di Pulcinella”, *Avanti!*, 20 out. 1920; “Vladimiro Ilic Ulianov”, *L’Ordine nuovo*, mar. 1924; “Il partito repubblicano. II”, *l’Unità*, 22 out. 1926.

⁷ Sobre as críticas de Lenin ao populismo, considerado como um movimento marcado pelo utopismo e o subjetivismo, animado por tendências pequeno-burguesas, incapazes de uma análise realista do capitalismo e inclinado a, por um lado, idealizar a *obščina* e outras formas de propriedade agrícola tradicional, sem ver as características pré-capitalistas e desiguais e, por outro, a não compreender as características progressivas do próprio capitalismo com relação às formas pré-modernas de dependência, ver V. I. Lenin (1893; 1894a; 1894b; 1899).

Antes, todavia, é necessário deter-se, embora brevemente, sobre o problema do “populismo” que no passado tem sido atribuído a Gramsci (antes citávamos Asor Rosa) e sobre a categoria de nacional-popular.

O “populismo” em Gramsci e o “nacional-popular”

Primeiramente, é necessário precisar que, para Gramsci, a recomposição orgânico-hegemônica de uma massa popular diferenciada, está sempre voltada a uma transcendência “política” do estágio, precisamente originário, no qual o “povo” é colocado. É notável como a própria atenção de Gramsci ao folclore não possuía nenhum tipo de condescendência ou de complacência populista com o “pequeno mundo antigo”,⁸ a respeito do qual o intelectual comunista teve, antes, sentimentos de *pietas*.⁹ Em suma, nele não há nenhum culto à *naiveté* natural do povo, como as vezes emergirá no realismo socialista do segundo pós-guerra (cf. MORDENTI, 2007, p. 302). Espontaneidade e direção declinavam-se juntas no Gramsci dos *Quaderni*. Para ele a autonomia cultural antagonista deveria ser endereçada para a apropriação da alta cultura, renovando-a, e não para se considerar estranha e alternativa a ela (*ibid.*, p. 302-304).

Aliás, as teses de Asor Rosa em *Scrittori e popolo* – texto nascido seguindo as sugestões apresentadas por *Operai e capitale* de Mario Tronti (1966)¹⁰ – perdem uma parte do seu valor à luz do fim sociológico do sujeito operário, cuja centralidade fundava toda a sua análise. É preciso lembrar que mais tarde, no final dos anos 1980, Asor Rosa reconheceu que a possibilidade da tomada do poder pela classe operária não subsistia mais, embora defendesse de todo modo o arcabouço e o sentido de *Scrittori e popolo* pela sua capacidade de oferecer

⁸ Referência ao título de uma obra do literato italiano do século XIX, Antonio Fogazzaro (N.do T.).

⁹ Ver Cirese (1969 e 1976), Tullio-Altan (1989, p. 293-294); Boninelli (2007, p. 18 e 179); Dei (2011; 2013 e 2017). As referências bibliográficas nesses ensaios relativos ao tema de Gramsci, o folclore e a antropologia italiana.

¹⁰ P. ex.: “a classe operária refuta politicamente tornar-se povo” (TRONTI, 1966, p. 79) e “o povo deve defender seus direitos, a classe operária deve reivindicar o poder” (*Ibid.*, p. 84; p. 102, 108, 110-111, 196, 217, 233, 242 e 245).

instrumentos para desmistificar a ideologia e olhar o mundo de um *outro* ponto de observação, diferente daquele dominante (ASOR ROSA, 1988 [1965], p. VII-XVIII). Mas já alguns anos antes, de certa forma, o próprio Asor Rosa revalorizava de Gramsci precisamente a atenção avançada aos mais modernos processos econômicos-produtivos no caderno sobre o americanismo, apesar de continuar apontando a matriz idealista da perspectiva de reforma intelectual e moral para a qual também a mudança econômico-estrutural era voltada, além do fato de que em Gramsci a “socialização” do fordismo parecesse enfatizar o próprio capitalismo (*id.*, 1973, p. 545-588). Também no volume sobre a cultura na *Storia d’Italia* de 1975, editado pela Einaudi, Asor Rosa sequer acenava retomar a sua interpretação de *Scrittori e popolo* (*id.*, 1975, p. 1439-1448, 1456-1464, 1548-1567), atribuindo substancialmente a continuidade de Gramsci com uma certa tradição humanista-burguês à leitura togliattiana do segundo pós-guerra (*ibid.*, p. 1593-1595).

Mas não é apenas ao jovem Asor Rosa que se deve uma conotação “populista” do pensamento de Gramsci. Com efeito, devemos também pensar em Rosario Romeo, de *Risorgimento e capitalismo* (ROMEO, 1963 [1959], p. 25n). Ao refutar as teses gramscianas sobre a revolução democrático-rural, dificultada pelo Partito d’Azione, Romeo escreve que a categoria de nacional-popular vem do russo *Narodnost*, por sua vez uma cópia de *Volkstum*, e que tal transposição por Herzen e pelos eslavófilos foi declinada novamente num sentido democrático e sedimentada no pensamento revolucionário russo. Romeo retoma de Franco Venturi (1952) a derivação alemã do termo russo, o qual, na verdade, em sua monumental reconstrução das correntes revolucionárias do século XIX, esteve bem longe de querer denunciar componentes reacionários e antimodernos dessa categoria; embora, às vezes, pareça criticar as imposições leninistas ou deterministas com uma visão *a la* Walter Benjamin, para o qual, para avançar, pode ser útil olhar para trás. Na realidade, Maria Bianca Luporini evidenciou que o nexos *Narodnost-Volkstum* não existe (LUPORINI, 1995, p. 43-51).

O conceito de nacional-popular [*nazionale-popolare*] – esta é a expressão utilizada por Gramsci e não aquela adotada com a elisão no substantivo (*nazional-popolare*), operada também por estudiosos como Norberto Bobbio, Omar Calabrese, Luigi Firpo, até chegar à fusão dos dois termos

(*nazionalpopolare*) – remete não ao populismo russo, mas ao debate alto e culto entre classicismo e romanticismo, desenvolvido entre Andreeviç Vjazemskij, admirador dos liberais franceses; Aleksandr Sergeevič Puškin; o decebrista Ivan Sergeevič Turgenev; e Vissariòn Grigòr’evic Belinskij. Antes, Lev Tolstoj, defendendo-se da acusação feita a ele pelos populistas de não ter representado o povo em *Guerra e paz*, explicou ter representado o *Narodnost* – nacional e popular –, embora encarnado, naquele romance, nas classes altas. Não é o *Volkstum* que se deve pensar como fonte de *Narodnost*, mas sim o francês *nationalité*. Em outras palavras, Gramsci traduziu *Narodnost*, que é, ao mesmo tempo, popular e nacional. A passagem para *nazional-popolare*, até assimilar o termo na linguagem pública de massa, paralelamente à tentativa, operada por um certo pensamento de “direita nacional”¹¹ de assimilar Gramsci, nasce precisamente a partir deste equívoco de fundo. O fato do termo gramsciano remeter – escrevia Maria Bianca Luporini – a um “pensamento revolucionário russo”, que não é bem precisado, tem determinado a sua errônea identificação com o “populismo”. Contudo, para Puškin haveria *Narodnost* em Shakespeare, Lope de Vega, Ariosto, Racine e Calderón, assim como para Gramsci nacional-popular [*nazionale-popolare*] é a obra dos trágicos gregos, de Shakespeare, de Tolstoj, Dostoevskij e Verdi (cf. PAGGI, 1970, p. 184-185). O próprio Asor Rosa (que em *Scrittori e popolo* retomara a ideia, citando Romeo, de uma ascendência russo-populista de nacional-popular [*nazionale-popolare*] usou depois essa categoria para diferenciar Dante e Petrarca (LUPORINI, 1995, p. 47).¹² Ao conduzir novamente a atenção sobre esse estudo de Maria Bianca Luporini, Lea Durante (2004) reafirmou, mais recentemente, a natureza “não populista” de “povo-nação” e de “nacional-popular” [*nazionale-popolare*] em Gramsci. A operação de Asor Rosa tinha um caráter libertador, mas apenas com respeito à interpretação que do seu númen tutelar¹³ dera o PCI togliattiano, demasiado espremida sobre o paradigma historicista-idealista (cf. MORDENTI, 2007, p. 325-

¹¹ Esta expressão é usada, na Itália, também pelo próprio partido fascista para descrever o seu nome: *Movimento Sociale Italiano/MSI-Destra Nazionale*, a qual, aqui, obviamente, não fica limitada a esta expressão particular da direita política (N.do T.).

¹² Dante seria *nazionale-popolare*; Petrarca, não (N. do T.).

¹³ Ou seja, de Gramsci (N. do T.).

330).¹⁴ Que o nacional-popular [*nazionale-popolare*] não se identifique com o senso comum o demonstra, ademais, a análise crítica que Gramsci desenvolve sobre este conceito no pensamento de Croce. Durante fez também notar como, em Gramsci, “nacional-popular” – que as vezes torna-se popular-nacional [*popolare-nazionale*] – alude também à dimensão do Estado.

Posteriormente às análises de Maria Bianca Luporini e de Lea Durante, Giancarlo Schirru acrescentou um ensaio, no qual está inserido um pedaço ulterior do mosaico autêntico do nacional-popular gramsciano: isto é, a dívida com relação ao debate no interior da cultura bolchevique dos primeiros anos 1920, a respeito da necessidade de valorizar as nacionalidades das línguas não russas, para realizar uma hegemonia que poderia ser colocada em discussão precisamente a partir do pertencimento identitário. Trata-se, pelo menos no que diz respeito a este aspecto específico, da mesma orientação na qual se inspirou Palmiro Togliatti no segundo pós-guerra (SCHIRRU, 2009).

Em suma, o conceito de nacional-popular amadurece em Gramsci a partir da exigência de compor o momento romântico-historicista, do enraizamento do pensamento e do projeto político na concretude das relações materiais e culturais, mas também numa conexão estrita com a necessidade de emancipar as camadas populares dos elementos de subalternidade, num sujeito nacional-popular que, na realidade, visava se tornar internacional, um pouco como a “classe não classe” (cf. BARATTA, 2003, p. 47, 158).¹⁵

O interesse de Gramsci nos traços nacionais populares existentes na obra de Alfredo Oriani (Q 8, § 165, p. 1040; Q 9, § 42, p. 1121; Q 23, § 8, p. 2196) derivava de seu interesse pela relação entre intelectuais e o problema do “povoação” e da exigência de tornar o movimento operário à altura do desafio lançado pelo fascismo que – como destacava George Mosse – não queria “educar” e “afinar” os gostos dos trabalhadores, mas aceitava as “preferências do

¹⁴ Fabio Frosini (2016, p. 14) fez referência recentemente à interpretação “populista” de Gramsci elaborada por Togliatti.

¹⁵ Nesse sentido nenhuma apropriação de Gramsci por parte da cultura de direita, com base em uma ideia de “territorialidade” da verdade, parece encontrar legitimidade. Neste sentido parece equivocada mesmo a ideia de Gramsci como “pensador italiano”, agitada por Diego Fusaro (2015). O próprio Marcello Veneziani sublinhava a inadmissibilidade de Gramsci ao conservadorismo italiano, destacando a raiz “iluminista” de seu conceito de “nacional-popular” (cf. VENEZIANI, 1994, p. 89-93 e 254).

homem comum” para dirigi-las aos seus próprios fins (MOSSE, 1982, p. 178). Mas isso não exclui que a maioria das referências a esse autor da Romagna, nos *Quaderni*, fossem bastante negativas e reducionistas, precisamente por causa da natureza “provinciana” do seu exemplo e da sua mensagem (Q 1, § 100, p. 95; Q 4, § 68, p. 312; Q 6, § 68, p. 735-736; Q 9, § 56, p. 1130; Q 9, § 108, p. 1172-1173; Q 19, § 5, p. 1977).¹⁶

O mesmo discurso vale acerca da ascendência também giobertiana¹⁷ das reflexões gramscianas sobre o “popular” e sobre o “nacional” – corretamente apontada por Asor Rosa (1969, p. 213-217)¹⁸ – e que o comunista da Sardenha iria novamente recolocar, por meio da imersão na cultura russa, na sua diferente interpretação da história, tal como fez a respeito da “revolução passiva” de Vincenzo Cuoco (DURANTE, 2004, p. 163-164). O apreço gramsciano acerca do autor do *Primato* (Q 1, § 46, p. 55 e Q 17, § 9, p. 1914-1915), tal como pela corrente dos moderados italianos, caracterizados por um maior realismo frente à escola democrática, não podem ser separados da avaliação geral que Gramsci fez do paradigma moderado e “inovador-conservador”, conectando Giobberti com Croce ou Proudhon (Q 7, § 79, p. 911-912; Q 8, § 30, p. 959; Q 8, § 39, p. 966; Q 10 I, § 6, p. 1220; Q 10 II, § 41 XIV, p. 1326; Q 13, § 18, p. 1592; Q 14, § 72, p. 1740; Q 15, § 11, p. 1766-1769).

Mas vejamos agora de que maneira Gramsci utiliza efetivamente o termo “populismo” nos *Quaderni del carcere*.

Os Quaderni del carcere

Também nos *Quaderni* (tal como nos escritos juvenis) Gramsci não utilizou frequentemente esse termo, na sua forma adjetiva ou substantiva, embora o faça mais vezes do que aparece no índice dos temas da edição Einaudi e também no

¹⁶ Este aspecto não é considerado, por exemplo, por Salvatore Valitutti (1983, p. 100-101) que sublinha o “apreço” de Gramsci por Oriani como representante da “grandeza nacional-popular italiana”, sem contextualiza-lo em uma trama de juízo mais ampla e diversa reconstruível nos *Quaderni*.

¹⁷ Vincenzo Gioberti (1801-1852) foi um importante filósofo italiano (N. do T.).

¹⁸ Este ponto de Asor Rosa é retomado por Bobbio (1969, p. 97n) em seu célebre ensaio sobre o conceito de sociedade civil.

verbeta do *Dicionário gramsciano* (MEZZINA, 2009, p. 654-656). E isso, também, porque é necessário ler os trechos nos quais ele usa diretamente o termo russo *narodniki*. Com efeito, embora útil, o verbete de Domenico Mezzina, no *Dicionário*, que possui o mérito de ter tematizado a questão, tende a observar somente o juízo negativo do conceito de populismo em Gramsci, sem destacar uma maior articulação semântica do mesmo. Na minha opinião, ao tratar efetivamente desse tema, o autor dos *Quaderni* traz à tona uma avaliação negativa, mas não totalmente. Por um lado, Gramsci faz referência ao populismo de uma maneira que parece muito distante do uso desse termo por parte de Laclau, quer dizer, para Gramsci, o populismo é uma postura cultural-política inadequada para a emancipação das massas populares. Todavia, por outro lado, ele vê no “populismo” elementos interessantes, na medida em que se trata sempre de uma forma de aproximação dos intelectuais ao povo, num panorama sociocultural italiano historicamente deficitário neste sentido. Esta última nuance é precisamente aquela que o jovem Asor Rosa denunciava no autor dos *Quaderni del carcere*: isto é, ter feito uma virada moderada em relação à “autonomia operária” da época dos Conselhos, e ter passado para um interesse no “povo” tomado em seu caráter genérico, o que tornava a sua mensagem subsumível no paradigma moderado-transformista da Itália pós-unitária, modernizador-conservador.

Não escapará à compreensão que o enriquecimento semântico, que marca o uso do termo “populismo” nos *Cadernos*, a respeito dos escritos juvenis (como acenamos, em linha com o uso de Lenin), deve ser atribuído ao diverso quadro de motivações políticas e interiores que moviam o pensamento gramsciano: era necessário, nos anos do cárcere, explicar a razão da derrota do movimento operário e elaborar uma visão alta da política, capaz não apenas de gerar antagonismo, mas também de compreender o núcleo de verdade afirmado pelos adversários e inimigos.

Vejamos de perto as páginas gramscianas nas quais aparece a expressão, começando pelos lugares em que o significado ainda coincide com aquele canônico, ligado à experiência populista russa (a única outra fonte lexical pré-existente poderia ser, como se sabe, a americana). No *Quaderno 8*, Gramsci, ao

criticar o abstracionismo do programa de reforma agrária de Giuseppe Ferrari,¹⁹ estabelece um paralelo com “Bakunin e em geral os Narodniks russos”: “os despossuídos do campo – continuava – são transformados em mito para a ‘pandestruição’”, embora, em Ferrari (aliás, como observa Gramsci, favorável ao instituto da herança na forma capitalista), diferentemente de Bakunin, existisse “viva a consciência de que se trata de uma reforma liberalizante” (Q 8, § 35, p. 961-962).

Da mesma forma, em uma nota do *Quaderno 15*, sobre o livro de Nello Rosselli a respeito de Carlo Pisacane (ROSSELLI, 1977 [1932], p. 219-224), Gramsci não concorda com a ideia de um pré-sorelismo deste último. A sua “iniciativa popular” se coloria, antes, com as “tendências populistas extremas”, isto é, o nihilismo russo, a “teoria da ‘pandestruição criadora’ (também com respeito ao mundo do crime)”. Também a isso parece que se possam conectar os defeitos dos democráticos como classe dirigente, diferentemente dos jacobinos russos, problema que Rosselli não desenvolve (Q 15, § 52, p. 1815-1816). Inútil dizer que a referência ao populismo russo, neste trecho (assim como nas páginas pré-carcerárias), torna ainda mais problemática a tese de Romeo sobre a existência de um “populismo” gramsciano alimentado por uma ideia de nacional-popular de origem russa. Mas, agora, vejamos como a utilização do termo populismo por parte de Gramsci, na realidade, é mais complexo.

O deslizamento semântico

Com efeito, no *Quaderno 3*, Gramsci assimila o movimento socialista italiano aos *narodniki* (ou aos social-revolucionários ou socialistas nacionais eslavos), pela presença de grupos inteiros de sujeitos de extração burguesa, que aderem à causa do proletariado para depois, de forma transformista, “voltar ao curral”, nos momentos de crise (no caso italiano com o sindicalismo nacionalista e o próprio fascismo). Neste *Quaderno*, portanto, Gramsci vê o populismo como fruto da separação entre “governantes” e “governados”, e não

¹⁹ Giuseppe Ferrari (1811-1876), revolucionário e filósofo italiano (N. do T.).

como sinal de uma unificação entre eles (cf. SCHIRRU, 2009, p. 252).²⁰ Essa separação evidencia uma diferença de classe e atribui o caráter do discurso populista a sua extração burguesa.

Em outro lugar dos *Quaderni*, Gramsci parece quase lembrar o próprio Asor Rosa de *Scrittori e popolo*. Com efeito, no *Quaderno 6* (1930-1932), discute um artigo de Arrigo Cajumi sobre Giovanni Cena, na *Italia letteraria* de 24 de novembro de 1929. Trata-se de um trecho bastante interessante porque o termo “populismo” – tal como em outros lugares para os quais voltaremos – alude a uma corrente literária francesa, com referência ao *topos* histórico-político da “ida para o povo”. Escrevia Cajumi sobre Cena (os parênteses são comentários de Gramsci): “Cena inseriu-se inconscientemente na corrente que na França [...] foi definida como ‘ida ao povo’” (Q 6, § 42, p. 717). Gramsci comentava:

“Cajumi transporta para o passado uma palavra de ordem moderna, dos populistas; no passado, depois da Revolução francesa e até Zola, jamais houve cisão entre o povo e os escritores na França; a reação simbolista cavou um fosso entre povo e escritores, entre escritores e vida, e Anatole France é o tipo mais acabado de escritor livresco e de casta” (*ibid.*).

A utilização da palavra “populismo” é, portanto, referida a uma corrente que queria ser popular, mas que, diferentemente da fase até Zola, não conseguia ser isso, pois mantinha uma cisão elitista com o próprio “povo”. Nestas páginas Gramsci repreende, por exemplo, a desenvoltura terminológica de Cajumi, ao definir, algumas vezes, Cena como de extração “popular”, “camponesa”, ou “proletária”, demonstrando que essas distinções eram bem necessárias para o sardo. Cena, o qual, por outro lado, observa Gramsci, antecipava o fascismo ao misturar orientações socialistas com aberturas ao nacionalismo:

“No escrito *Que fazer?*, Cena queria fundir os nacionalistas com os filio-socialistas como ele; mas será que, no fundo, todo este socialismo pequeno-burguês à De Amicis não era um embrião de socialismo nacional, ou nacional-socialismo, o qual procurou abrir caminho de tantos modos na Itália e que encontrou no pós-guerra um terreno propício?” (*ibid.*, p. 718-719).

²⁰ Ao ensaio de Schirru devo a indicação das passagens nas quais Gramsci utiliza o termo *narodniki*.

Trata-se, em suma, de uma utilização do termo populismo, a qual, embora se mova de sua esfera semântica original, visa definir uma fenomenologia política “burguesa-elitista” (ainda que destinada a sintonizar-se com as características populares e representá-las), antecipando deste modo os desenvolvimentos futuros do léxico político.²¹ Será, portanto, particularmente interessante ver as passagens em que o discurso de Gramsci se torna mais articulado, visando explicar os motivos de verdade contidos nas orientações definidas como “populistas”. Com efeito, em outro fragmento do *Quaderno 6*, Gramsci começa sua argumentação a partir de um artigo de Alberto Consiglio na *Nuova Antologia* (1 de abril de 1931), “Populismo e nuove tendenze della letteratura francese”. Consiglio classificava como “populistas” escritores que pareciam “em busca de leitores populares ou que, pelo menos, compõem suas obras com materiais populares” (CONSIGLIO, 1931, p. 381). Deparamo-nos aqui com uma literatura de esquerda, influenciada pela cultura comunista, que pretendia representar a vida do proletariado com “extrema objetividade e gélida narrativa”, e que visava fazer que os próprios proletários a lessem. Além de Gide e Mauriac, Consiglio pensava em autores como Romain, Duhamel, Chamson, Prévost, Thérive, Carco, Guehenno (autor, este último, também citado por Cajumi no artigo sobre Cena). E, todavia, de acordo com o autor, tratava-se, em fim, de operações intelectualistas, que apenas recebiam a atenção dos intelectuais. Com efeito, na sua opinião, “o povo estava e está ausente da verdadeira e própria arte” (*ibid.*, p. 388).

A diferença desta última com a literatura de apêndice de Ponson Du Terrail e Dumas – que pretendiam ser lidos pelas elites e, pelo contrário, eram lidos pelo povo – estava clara. Portanto, “populismo” aqui significa a tendência de alguns intelectuais a falar do povo e a querer serem lidos pelo povo. Desta maneira, não se ultrapassam os confins do significado político consolidado, dado que se permanece em uma perspectiva de esquerda comunista, embora sem resultados efetivamente emancipatórios. Muito significativo é o paralelo

²¹ Aliás, a partir de uma comparação - embora não sistemática e a ser aprofundada - entre alguns dicionários de italiano dos anos, 1910, 1920, 1930 e 1940, o termo “populismo” não aparece, e tampouco na *Enciclopedia Treccani*. Nesta última, nem sequer aparece em 1958; enquanto no *Dizionario enciclopedico italiano*, sempre de Treccani, do mesmo ano, o verbete está presente apenas com referência aos movimentos russo e norte-americano.

com a Itália. Consiglio citava também as “atitudes polêmicas” de *Strapaese* e *Stracittà*²² que – escrevia – “estavam voltadas uma para a literatura provincial e a outra para o romance de apêndice”, ao desenvolver “uma busca por um maior contato com o povo” (*ibid.*, p. 382). Portanto, não se trata apenas de um populismo “rural” ou tradicional, mas também urbano e moderno (*stracittadino*). Gramsci explicitamente força um pouco a interpretação de Consiglio, a qual parece, antes, estar voltada para a crítica de uma veia literária hegemônica por ideologias de esquerda, e a reformula nos seguintes termos:

“Diante do crescimento do poder político e social do proletariado e de sua ideologia, alguns setores do intelectualismo francês reagem por meio destes movimentos de ‘ida ao povo’. A aproximação ao povo significaria, portanto, uma retomada do pensamento burguês que não quer perder sua hegemonia sobre as classes populares e que, para melhor exercer essa hegemonia, aceita uma parte da ideologia proletária (Q 6, § 168, p. 820).

Mas o que para o Consiglio era intelectualismo ilusório, para Gramsci constituía uma tendência a ser levada a sério também do ponto de vista político. Com efeito,

“Seria um retorno a formas ‘democráticas’ mais substanciais do que o ‘democratismo’ formal corrente. Deve-se ver se até mesmo um fenômeno deste gênero não seria muito significativo e historicamente importante e se não representaria uma fase necessária de transição e um episódio da ‘educação popular’ indireta. Seria interessante uma lista de tendências ‘populistas’ e uma análise de cada uma delas: seria possível ‘descobrir’ uma das tais ‘astúcias da natureza’ de Vico, isto é, o modo no qual, um impulso social que tende a um fim, realiza o seu contrário” (*ibid.*, p. 820-821).

²² *Stracittà* era uma tendência, de caráter cosmopolita, que exaltava as grandes cidades e o industrialismo, desenvolvimento do movimento novecentista, cuja máxima expressão era Massimo Bontempelli. *Strapaese* nasceu como reação e oposição a *Stracittà*, era uma tendência literária inspirada em tradições regionalistas e rurais parasitárias, e contrária a toda forma de cosmopolitismo. Suas origens remontam ao manifesto nacionalista de Giovanni Papini, em 1904, embora o nome só tenha sido usado após a Primeira Guerra Mundial. A edição brasileira dos *Cadernos do Cárcere*, editada por Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, traduz *Strapaese* por “Super-regionalista” e *Stracittà* por “Super-cosmopolita. Optou-se, aqui por manter as denominações no idioma original (N. do T.).

Vale a pena lembrar a análise interessante de Fabio Frosini, que tem destacado como as interpretações de Gramsci de fenômenos que ele não define como “populistas”, mas que se tornaram exemplos paradigmáticos do populismo, como o bonapartismo e o boulangismo, expressam uma modalidade específica da classe dirigente reagir à fraqueza crescente da “guerra de posição”, com a qual o liberalismo procura manter subjugadas as massas populares. Em outras palavras, conduz-se uma guerra de movimento, que é precisamente a populista: uma revolução passiva que promete ao povo inclusão e mudanças radicais, mantendo, no entretanto, em última análise, a cisão de classe e a exclusão (FROSINI, 2014). Acrescentemos aqui, contudo, que, na passagem citada acima, Gramsci parece também pensar que o populismo, embora entendido como uma atitude cultural-política “burguesa”, voltada para o povo para fins hegemônicos a partir de outra posição social, na realidade, pode até se revelar, em última análise, um momento de transição para a superação da própria sociedade burguesa, uma superação que vai além da democracia meramente formal. Com efeito, essa citação pode ser lida proveitosamente em conjunto com outra sobre Francesco De Sanctis, no *Quaderno 23* (1934); nela Gramsci vai mais longe, pois utiliza o termo “populismo” de forma mais positiva. Com efeito, De Sanctis, na última fase de sua atividade intelectual, dirigiu sua atenção ao naturalismo e ao verismo que, na Europa Ocidental, foram, para Gramsci,

“a expressão ‘intelectualista’ do movimento mais geral de ‘ida ao povo’, de um populismo de alguns grupos intelectuais no fim do século passado, após o ocaso da democracia na versão própria de 1848 e do advento de grandes massas operárias por causa do desenvolvimento da grande indústria urbana” (Q 23, § 1, p. 2185. Cf. tb. Q 17, § 38, p. 1940-1941).

O déficit de “fé” e de “cultura” que De Sanctis denunciava em *La scienza e la vita* exigia uma “coerente, unitária e nacionalmente difundida ‘concepção da vida e do homem’”, a qual implicava uma unificação do estrato intelectual, mas também “uma nova atitude em face das classes populares, um novo conceito do que é ‘nacional’, diverso daquele da direita histórica, mais amplo, menos exclusivista, menos ‘policialesco’, por assim dizer” (*ibid.*, 2185).

Portanto, nesta última nota, encontramos a reflexão sobre o *nacional-popular* [*nazionale-popolare*] que mais tarde o jovem Asor Rosa iria repreender em Gramsci, culpável, em sua opinião, de deixar que a moderação da tradição italiana o absorvesse. Asor Rosa, no entanto, citava apenas um lugar onde Gramsci usava a palavra “populismo” (ASOR ROSA, 1965, p. 271-272), uma passagem do *Quaderno 15* (1933), na qual se fala de um artigo polêmico de Argo (provavelmente Luigi Chiarini)²³ em *Educazione fascista* (ARGO, 1933), o qual, por sua vez, examina criticamente um texto escrito por Paul Nizan em *La revue des Vivants* (NIZAN, 1932). Argo repreendia Nizan pela ideia de que uma arte revolucionária só poderia ser aquela caracterizada pela “revolução proletária”. Para Argo revolucionário é também o fascismo e a vida do proletariado não é redutível à luta de classes. Sem intervir sobre este ponto, concedendo a Nizan (ainda alinhado com posições stalinistas²⁴) uma razão que parece quase circunstancial, Gramsci coloca sua atenção sobre a “única objeção fundada” do autor fascista, a qual, entretanto, oferecia o ponto de partida para toda a reflexão, isto é: “A impossibilidade de pular uma fase nacional, autoctone da nova literatura e os perigos ‘cosmopolitas’ da concepção de Nizan” (Q 15, § 58, p. 1820). Deste ponto de vista, continuava Gramsci, muitas críticas de Nizan a grupos de intelectuais franceses deveriam ser revistas e, entre estas, também aquelas voltadas ao “populismo”.

Por “populismo”, Argo queria dizer o “popular pitoresco” das páginas dos Thérive, Pallu, Prévost e Bost (cf. ARGO, 1933, p. 267-268). Portanto, aqui também, Gramsci reivindica o termo “populismo” em relação a estas correntes literárias francesas contemporâneas, como nas páginas sobre Cajumi e

²³ Valentino Gerratana, no índice dos nomes de sua edição dos *Quaderni*, faz referência, para Argo, a um Vittorio Ciampi (que utilizava o pseudônimo Argus), o qual, entretanto, de acordo com duas fontes diversas citadas *Indice biografico degli italiani*, nasceu em 1920, em Lucera. O próprio Gerratana, em uma nota de comentário das páginas gramsciane sobre Nizan, fala de um “colaborador de *Educazione fascista*” que assina Argo, sem mencionar Ciampi. Também Asor Rosa (1965, p. 180) falava de “um certo Argo”. Deve-se tratar, entretanto de Luigi Chiarini. Ben-Ghiat (2000, p. 57-58) sustenta, de fato, que seja o próprio Luigi Chiarini, o autor de “*Idee d’oltre confine*”, no qual está a passagem comentada por Gramsci. Devo a indicação a Maria Luisa Righi da Fondazione Gramsci de Roma.

²⁴ Gramsci sublinha como deveriam ser revistas as críticas de Nizan ao grupo do *Monde*, considerado (escreve ARGO, 1933, p. 268) “social-democrático” e “radical socialista” e logo reabilitado por Stalin na nova ótica frentista. Sobre isso, p. ex., Fè (1973, p. 34-37).

Consiglio. Mas neste caso, ele acentua sua apreciação, em vez da conotação intelectualista delas. Não se pode descartar este tipo de literatura sem valorizar aquilo que a enraíza na realidade popular historicamente determinada, prescindindo, além disso, do objetivo político revolucionário e internacionalista: pois isto constitui algo distinto. Mas o burguês, escrevia Nizan, “vê o proletariado como alheio, e ao mesmo tempo tão fraco, tão rude” (NIZAN, 1932, p. 37). E continuava: “não necessitamos de verdade humana, mas acima de tudo de verdade revolucionária” (*ibid.*, p. 39). Posição, esta, que para Gramsci era inaceitável.

Com efeito, escreve Gramsci, é impossível que “a nova literatura não se manifeste ‘nacionalmente’ em combinações e ligas diferentes, mais ou menos híbridas” (Q 15, § 58, p. 1820). Deve-se notar que aqui Gramsci usa o termo “cosmopolita” em sentido negativo, da mesma maneira que denunciava a separação da vida dos intelectuais italianos após o Renascimento. Mas fazia isso não para denunciar o universalismo, mas antes, a falta de enraizamento histórico-social, a qual acabava prejudicando a própria substância daquele universalismo. Para o intelectual comunista, não se podia pensar, além disso, em uma única linha progressista, mas em diferentes estratificações temporais na sociedade (eis a ruptura da linearidade do desenvolvimento, na tradição marxista, tematizada e enfatizada por Laclau, e que, ao contrário, para Asor Rosa era o sinal do déficit revolucionário de Gramsci). O artista deve ver a sociedade como ela é e não como deve ser, ao contrário do que faz o político. Esta concepção também mostra que Gramsci tinha uma ideia da política como transcendência da realidade, até mesmo aquela popular. De modo quase surpreendente, ele contrapõe a política como dimensão do dever ser à arte, que (na linha De Sanctis-Croce) representa o mundo como ele é. Mas também na arte há transcendência. Com efeito, Gramsci não fala de *espelhamento* (como parecia sugerir Asor Rosa) mas de *elaboração*:

“A premissa da nova literatura” – acrescentava, com efeito – “não pode ser senão histórico-política, popular. Ela deve tender a elaborar o que já existe, polemicamente ou de outro modo, não importa; o que importa é que ela afunde suas raízes no húmus da cultura popular como ela é, com seus gostos, suas tendências etc., com seu mundo moral e intelectual, ainda que atrasado e convencional” (Q 15, § 58, 1822).

Gramsci não se referia, aliás, a uma cultura popular exclusivamente em sentido rural ou tradicional, mas se referia também a sujeitos urbanos e vulneráveis em relação àquela indústria cultural tematizada quinze anos depois por Horkheimer e Adorno, e que Nizan não parecia levar a sério:

“Nizan não sabe formular a questão da chamada ‘literatura popular’, isto é, do êxito obtido, entre as massas nacionais, pela literatura de folhetim (de aventura, policial, de suspense etc.), êxito que é ajudado pelo cinema e pelo jornal. E, não obstante, é essa questão que representa a maior parte do problema de uma nova literatura como expressão de uma renovação intelectual e moral, porque somente a partir dos leitores da literatura de folhetim é que será possível selecionar um público suficiente e necessário para criar a base cultural da nova literatura. Parece-me que o problema é este: como criar um corpo de literatos que esteja artisticamente para a literatura de folhetim como Dostoiévski estava para Sue e Soulié, ou como Chesterton, no romance policial, está para Conan Doyle e Wallace etc. Para isto, é preciso abandonar muitos preconceitos, mas sobretudo cabe pensar que não apenas é impossível ter o monopólio, como também se deve enfrentar uma organização formidável de interesses editoriais. O preconceito mais comum é o de que a nova literatura deva se identificar com uma escola artística de origem intelectual, como foi o caso do futurismo” (Q 15, § 58, p. 1821).

Em suma, é necessário olhar para as formas da industrialização da cultura sem preconceitos e com cuidado. A respeito da de Nizan, a posição de Gramsci é mais próxima aquela de uma linha que vai de Walter Benjamin a Fredric Jameson, projetada para a subversão política da serialização da arte, como caminho para uma nova civilização. Mas parece também antecipar algumas linhas de pesquisa de Umberto Eco. Sobre essa questão interveio convincentemente Fabio Dei, ao frisar como a *demologia* italiana tem esquecido as indicações gramscianas sobre a cultura popular.²⁵ O folclore era visto como separado da cultura urbana de massa, que devorava a tradição em um dispositivo de homologação inelutável. A disciplina confinava-se assim numa concepção “patrimonialista-identitária” (DEI, 2011, p. 517 e 2017) da cultura

²⁵ *Demologia* é uma palavra cunhada na Itália dos anos 1960 para indicar uma nova corrente de estudo da cultura e das tradições populares, que se inspirava em Gramsci e E. De Martino. Fabio Dei tem escrito sobre as razões da crise desta disciplina (N. do T.)

popular, que não foi capaz, então, de oferecer as ferramentas para ir além do estigma, de matriz adorniana-pasoliniana, em face dos fenômenos do neopopulismo “de mercado”.

Podemos encontrar o tema de uma possível valorização do “populismo”, pois, em relação a um imaginário não ligado à dimensão concreta do folclore italiano. Com efeito, em uma outra página do *Quaderno 6* – na qual, cabe lembrar, são coletados apontamentos do período 1930-1932 – há uma especificação ulterior. Aqui Gramsci remete, a respeito da “exaltação do ‘camponês’, idealizado, por parte dos movimentos populistas” (Q 6, § 157, p. 812), também a uma fonte particular: a literatura utopista, dadas as referências a épocas primitivas e selvagens. Por conseguinte, como de costume, Gramsci coloca que essa atitude é inadequada para uma consciência política madura. E, todavia, resolve acrescentar que aquela literatura utópica, na qual se inspira uma certa sensibilidade literária populista, “teve uma não pequena importância na história da difusão de opiniões políticas-sociais entre determinadas massas e, portanto, na história da cultura” (*ibid.*, p. 812).

Assim, em conclusão, podemos dizer que Gramsci não utilizou o termo “populismo” como estigma, e foi até cuidadoso em acolher nele, como práxis ou como representação cultural, os elementos a serem desenvolvidos em uma política de emancipação. Essa atitude de abertura analítica está também na base de seu julgamento sobre fenômenos que – como já mencionamos acima – na época de Gramsci ainda não eram definidos como “populistas” pelo léxico político, e que hoje constituem paradigmas considerados clássicos, como, por exemplo, o boulangismo (ver Q 4, § 38, p. 464 e Q 13, § 18, p. 1596-1597), para não falar das páginas bem conhecidas sobre cesarismo e bonapartismo (ver Q 4, § 38, p. 464; Q 4, § 65, p. 511; Q 6, § 97, p. 772; Q 9, § 136, p. 1197-1198; Q 13, § 23, p. 1608; Q 13, § 27, p. 1619-1622 e Q 14, § 23, p. 1680-1681). Mais uma vez, Fabio Dei tem destacado como, ao analisar aquele fenômeno, Gramsci estava longe de concentrar-se em seu caráter irracionalista, suscitado pelas capacidades ilusionistas do poder, mas antes, tentava compreender sua racionalidade interna, a qual conseguia compor os interesses da classe dominante com certas necessidades dos subalternos (DEI, 2017). Entender isso, gramscianamente, seria útil também para reconstituir as bases de uma política

que seja precisamente “popular” e não “populista” (de acordo com o significado que o termo tem assumido na segunda metade do século XX).

Referências bibliográficas

- ARGO. Idee d'oltre confine. *Educazione fascista*, p. 264-268, mar. 1933.
- ASOR ROSA, A. *Intellettuali e classe operaia: saggi sulle forme possibili di uno storico conflitto e di una possibile alleanza*. Firenze: La Nuova Italia, 1973.
- _____. La cultura. In: VVAA. *Storia d'Italia*. Torino: Einaudi, 1975, v. IV, t. II
- _____. *Scrittori e popolo: il populismo nella letteratura italiana contemporânea*. Torino Einaudi, 1965.
- BARATTA, G. *Le rose e i Quaderni*. Roma: Carocci, 2003
- BEN-GHIAT, R. *La cultura fascista*. Bologna: Il Mulino, 2000.
- BOBBIO, N. Gramsci e il concetto di società civile. In: ROSSI, P. (a cura di). *Gramsci e la cultura contemporanea*. Roma: Riuniti, 1969, v. I.
- BONINELLI, G. M. Frammenti indigesti. Temi folclorici negli scritti di Antonio Gramsci. Roma: Carocci, 2007;
- BOOTHMAN, D. Introduzione. In: BOOTHMAN, D.; GIASI, F.; VACCA, G. (a cura di). *Gramsci in Gran Bretagna*. Bologna: Il Mulino, 2015
- CIRESE, A.M. Concezioni del mondo, filosofia spontanea, folklore. In: ROSSI, P. (a cura di). *Gramsci e la cultura contemporanea*. Roma, Editori Riuniti, 1969, v. II, p. 297-328.
- _____. *Intellettuali, folklore, istinto di classe*. Torino, Einaudi, 1976
- CONSIGLIO, A. Populismo e nuove tendenze della letteratura francese. *Nuova antologia*, 1 apr. 1931, p. 380-389.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi, 1975. 4v
- MEZZINA, D. Populismo. In: LIGUORI, G.; VOZA, P. (a cura di). *Dizionario gramsciano 1927-1936*. Roma: Carocci, 2009, pp. 654-656.
- DEI, F. Dal popolare al populismo: ascesa e declino degli studi demologici in Italia. *Meridiana*, n. 77, p. 83-100, 2013;
- _____. Gramsci, Cirese e la tradizione demologica italiana. *Lares*, n. 3, p. 501-518, 2011.
- _____. Popolo, popolare, populismo. *International Gramsci Journal*, n. 3, 2017.

- DURANTE, L. Nazionale-popolare. In: FROSINI, F.; LIGUORI, G. (a cura di). *Le parole di Gramsci: per un lessico dei Quaderni del carcere*. Roma: Carocci, 2004, p. 150-169.
- FÈ, F. *Paul Nizan, un intellettuale comunista*. Roma: Savelli, 1973.
- FROSINI, F. “Pueblo” y “guerra de position” como clave del populismo. Una lectura de los “Cuadernos de la cárcel”. *Cuadernos de ética y filosofía política*, a. III, n.3, p. 63-82, 2014.
- _____. Prefazione. In: Savant, Giovanna. *Bordiga, Gramsci e la Grande Guerra (1914-1920)*. Napoli: La città del sole, 2016.
- Fusaro, D. *Antonio Gramsci*. Milano: Feltrinelli, 2015.
- HALL, S. La politica del thatcherismo: il populismo autoritario. In: BOOTHMAN, Derek; GIASI, Francesco; VACCA, G. (a cura di). *Gramsci in Gran Bretagna*. Bologna: Il Mulino, 2015, p. 107-137.
- LACLAU, E; Mouffe, C. *Egemonia e strategia socialista*. Genova, Il Melangolo, 2011
- LACLAU, E. *La ragione populista*. Roma; Bari: Laterza, 2008.
- LENIN, V. I. Nuovi spostamenti economici nella vita contadina. In: LENIN, V. I. *Opere*. Roma: Rinascita, 1954 [1893], v. I, pp. 1-68.
- _____. Il contenuto economico del populismo e la sua critica nel libro del signor Struve. In: LENIN, V. I. *Opere*. Roma: Rinascita, 1954 [1894a], v. I, p. 341-523.
- _____. Che cosa sono gli “amici del popolo” e come lottano contro i socialdemocratici. In: LENIN, V. I. *Opere*. Roma: Rinascita, 1954 [1894b], v. I, p. 125-339
- _____. Lo sviluppo del capitalismo in Russia. Processo di formazione del mercato interno. In: LENIN, V. I. *Opere*. Roma, Rinascita, 1954 [1899], v. I.
- LUPORINI, M.B. Alle origini del “nazionale-popolare”. In: BARATTA, G.; CATONE, A. (a cura di). *Antonio Gramsci e il “progresso intellettuale di massa”*. Milano: Unicolpi, 1995
- MORDENTI, R. I Quaderni del carcere di Antonio Gramsci. In: ASOR ROSA, A. (dir.). *Letteratura italiana*. Torino: Einaudi, 2007, v. 16.
- MOSSE, G.L. *L'uomo e le masse nelle ideologie nazionaliste*. Roma-Bari: Laterza, 1982.
- NIZAN, P. Letteratura rivoluzionaria in Francia. *La revue des vivants*, set-ott.1932 (tb. em NIZAN, P. *Letteratura e politica: saggi per una nuova cultura* a cura di S. Suleiman. Verona: Bertani, 1973, p. 34-42.

- PAGGI, L. *Antonio Gramsci e il moderno principe*. Roma, Riuniti, 1970, v. I (Nella crisi del socialismo italiano).
- PALANO, D. In nome del popolo sovrano? Il populismo nelle postdemocrazie contemporanee. In: CINGARI, S.; SIMONCINI, A. (a cura di). *Lessico postdemocratico*. Perugia: Perugia Stranieri University Press, 2016, p. 157-186.
- PRETEROSSO, G. *Ciò che resta della democrazia*. Roma; Bari: Laterza, 2015.
- ROMEO, R. *Risorgimento e capitalismo*. Bari: Laterza, 1963.
- ROSSELLI, N. *Carlo Pisacane nel Risorgimento italiano*. Torino: Einaudi, 1977 [1932].
- VALITUTTI, S. Origini e presupposti culturali del nazionalismo in Italia. In: LILL, R.; VALSECCHI, F. (a cura di). *Il nazionalismo in Italia e in Germania fino alla prima guerra mondiale*. Bologna: Il Mulino, 1983.
- SCHIRRU, G. Nazionalpopolare. In: GIASI, F.; GUALTIERI, R.; PONS, S. (a cura di). *Pensare la politica. Scritti per Giuseppe Vacca*. Roma: Carocci, 2009, p. 239-253.
- TRONTI, M. *Operai e capital*. Torino: Einaudi, 1966.
- TULLIO-ALTAN, C. *Populismo e trasformismo: saggio sulle ideologie politiche italiane*. Milano, Feltrinelli, 1989.
- VENEZIANI, M. *La rivoluzione conservatrice in Italia*. Roma: SugarCo, 1994.
- VENTURI, F. *Il populismo russo*. Torino, Einaudi, 1952.